

PERSONAGENS EM DOSTOIÉVSKI: COMPLEXIDADE, TENSÃO E ARDOR APAIXONANTES

Jaqueline Borges de QUEIROZ

Luísa Haddad LABELLO

Orientador: Prof. Dr. Mario Luiz Frungillo

Resumo: As personagens desempenham, junto com o enredo, papel fundamental na ficção. Quando bem construídas, são capazes de gerar convencimento e empatia no leitor. Esse é o caso das complexas personagens de Dostoiévski. Para o crítico Leonid Grossman, Dostoiévski foi capaz de desenvolver um método de criação destinado a retratar da maneira mais absoluta e verdadeira o homem de seu tempo. Este trabalho, na intenção de fornecer uma pequena amostra das criações literárias do autor ao longo da sua trajetória, faz uma breve análise de quatro personagens que compõem a fase inicial e a considerada fase de maturidade de Dostoiévski: Makar Dievúchkin, de *Gente Pobre*; Niétotchka Niezvânova, do romance homônimo; e Pávriel Pávlovitch e Vieltchâninov, de *O Eterno Marido*.

Palavras-chave: Teoria e História Literária; Dostoiévski; Personagem; Romance Russo.

A PERSONAGEM: VIDA DENTRO DA FICÇÃO

Ao dar vida a um romance ou qualquer outra ficção, o autor precisa criar um universo verossímil e atraente, do qual o leitor deseje fazer parte no momento da leitura. Para que haja tal verossimilhança, enredo e personagens devem estar bem articulados durante toda a trama, ou seja, ambos são importantes e não devem ser desvinculados.

É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem o enredo (CANDIDO, 2009, p. 53).

Portanto, nesse universo ficcional é preciso que as ações e acontecimentos não só tenham coerência interna, mas também sejam vivenciados por criações consistentes, bem elaboradas, vivas dentro da ficção - assim podemos caracterizar as boas personagens. Como defende Candido (2009), não podemos achar que a personagem é o essencial de um romance, porém também não podemos negar que a presença de grandes personagens

em um romance nos faz perdoar os mais graves defeitos do seu enredo. Um bom exemplo disso é o intrigante e inacabado romance *Niétochka Niezvânova*, de Fiódor Dostoiévski: a primorosa construção das personagens é considerada o prenúncio de algumas descobertas da psicanálise e consegue se sobrepular há algumas falhas no enredo, como o anúncio em um capítulo de que a personagem Aleksandra Mikháilovna não tinha filhos quando a protagonista Niétochka foi morar com ela, seguido do relato de que Aleksandra tinha um filho de um ano nesse mesmo período no capítulo seguinte.

A criação de um plano ficcional, dessa forma, engloba a construção de seres fictícios que sejam convincentes e atraentes, que envolvam o leitor a ponto de haver desde identificação até sentimentos como pena ou desprezo pela personagem. Uma prova disso é que os grandes escritores são geralmente lembrados por suas personagens mais marcantes, que algumas vezes parecem inclusive terem feito parte da vida fora dos livros. Mas não se pode atribuir, é claro, semelhança com pessoas reais como condição para a construção de boas personagens. De acordo com Candido (2009), a personagem possui uma linha de coerência que delimita sua natureza e existência, sendo, portanto, mais fixa e lógica que o ser humano, o que não significa que ela

seja menos profunda; mas que a sua profundidade é um universo cujos dados estão todos à mostra, foram pré-estabelecidos pelo seu criador, que os selecionou e limitou em busca de lógica. A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo; mas isso, devido à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu. Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório; infinito na sua riqueza; mas nós aprendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. Portanto, a compreensão que nos vem do romance, sendo estabelecida de uma vez por todas, é muito mais precisa do que a que nos vem da existência. Daí podermos dizer que a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo (p. 59).

Além disso, em busca dessa lógica o escritor pode elaborar e apresentar suas personagens de diferentes formas. De acordo com Foster (1949, apud Candido, 2009), existe uma distinção entre “personagens planas” e “personagens esféricas”: as primeiras seriam aquelas que nunca surpreendem o leitor durante o decorrer da história, enquanto as segundas seriam aquelas capazes de ser imprevisíveis de maneira convincente. As personagens planas apresentariam, portanto, as mesmas características do início ao fim da narrativa, sendo consideradas “tipos” ou caricaturas, e as esféricas, por sua vez, repeliriam qualquer tipo de simplificação, possuindo uma psicologia mais complexa. Já em relação à apresentação da personagem, ela pode se dar por meio de ações (com pouca escavação psicológica), por meio da escavação da sua psicologia (com poucas ações) ou pela mescla dos dois procedimentos (ação-reflexão).

Assim são vários os elementos determinantes na construção dos seres que irão permear o universo ficcional de um livro ou história. Obviamente, a boa elaboração das personagens gera convencimento e identificação: as personagens que transcendem suas histórias são aquelas que estão tão vivas na ficção que nos dão a impressão de viver de verdade em alguma parte do nosso mundo.

AS PERSONAGENS DE DOSTOIÉVSKI: DA ESTRANHEZA AO CONVENCIMENTO

“(…) E o próprio Dostoiévski dizia: ‘Chamam-me psicólogo, mas não o sou. Sou realista no sentido mais alto da palavra, sou um realista da alma humana’”.

– Otto Maria Carpeaux

Dostoiévski no mundo dos Karamazov, 1962.

Dostoiévski é considerado um dos maiores escritores da literatura mundial e, como não poderia deixar de ser, suas obras já foram minuciosamente estudadas pelos críticos literários. Um aspecto que chama muita atenção desses estudiosos é o modo como Dostoiévski cria as suas personagens: com um toque de complexidade, realismo e sentimentalismo, cada uma delas é elaborada de forma convincente pelo escritor russo. Para Grossman (1967), Dostoiévski é um grande escritor realista e foi capaz de desenvolver um método de criação destinado a retratar da maneira mais absoluta e verdadeira o homem de seu tempo.

Além do realismo predominante na elaboração das personagens, é possível destacar também a proximidade de cada uma das criações do escritor russo:

Figuras que voltam e situações que se repetem, eis um fundamento de sua arte narrativa. Personagens com traços aproximados e destinos semelhantes atravessam toda a sua galeria de retratos, dando unidade espantosa à sua obra. (...) Dostoiévski desenvolvia um caráter numa série de figuras, na extensão de todo o ciclo de suas obras, não cessando de variar, ampliar e enriquecer a sua personagem-tema fundamental. O que lhe interessa não é uma figura expressiva isolada, mas o homem-problema, o homem-drama (GROSSMAN, 1967, p. 136).

Apesar de partir quase sempre do cotidiano – suas histórias chegaram a ser comparadas com textos jornalísticos - e de manter certa proximidade de criação das suas personagens, Dostoiévski conseguiu explorar diferentes tipos de figuras em suas obras. Grossman (1967) agrupou essas figuras de acordo com os seus traços essenciais.

Os tipos dominantes de Dostoiévski são variados e numerosos: pensadores e sonhadores, moças ofendidas, indivíduos sensuais, palhaços voluntários, sócias, homens do subsolo, o largo temperamento russo (“os inconcitos”), puros de coração, justos (“mestres sapientíssimos

de vida”), renegados, negociantes desonestos, virtuosos da instrução preliminar e do processo judiciário, nihilistas e pseudonihilistas, mulheres orgulhosas e outras doces e humildes, crianças impressionáveis e adolescentes pensativos (p. 137).

Para a análise posterior que esse trabalho se propõe a fazer, torna-se relevante comentar um pouco mais sobre alguns desses tipos. Assim, segundo o crítico, uma das imagens predominantes desde os primeiros romances de Dostoiévski é a das “jovens ultrajadas”. O autor trata da compra e venda dessas moças, geralmente caracterizadas como humilhadas e sonhadoras. A partir disso, surge uma “categoria especial”, definida por Grossman (1967) como a dos “compradores dessas m^oças, os devassos rebuscados (...)” (p. 139). Em contrapartida, Dostoiévski retrata em cada um de seus romances as personagens “puras de coração”, ou seja, ele cria um herói ‘doce e humilde’, uma pessoa bondosa e discreta. Ainda com relação às mulheres, Dostoiévski não retratava apenas as moças puras e indefesas: Ele criou também um tipo sensual e até certo ponto insensível de mulher. Por fim, outra imagem dominante nos romances do escritor russo é o das “crianças impressionáveis ou adolescentes pensativos”. Mesmo na infância e juventude, essas figuras já vivem verdadeiros dramas de ordem psicológica (GROSSMAN, 1967).

Toda a classificação proposta por Grossman (1967) das personagens de Dostoiévski é fundamental para se familiarizar com o método de criação do escritor. Mas existem outros aspectos relevantes que podem ser destacados. Bakhtin (1997) destaca o caráter polifônico das personagens do romancista russo, ou seja, para o estudioso, as personagens de Dostoiévski são construídas num processo de “autoconsciência” que as permite apresentar um ponto de vista específico sobre o mundo e si mesmas. Assim, elas representariam várias vozes dentro dos romances do escritor – de acordo com Bakhtin, inclusive a do próprio autor – que às vezes se contrastariam e às vezes se complementariam. São, portanto, construções complexas, que a princípio causam certa estranheza ao leitor, mas que posteriormente conseguem não só causar convencimento e identificação como também certo fascínio.

QUATRO PERSONAGENS EMBLEMÁTICAS: MAKAR DIEVÚCHKIN, NIÉTOTCHKANIEZVÂNNOVA, PÁVIELPÁVLOVITCHEVIELTCHÂNINOV

É difícil escolher um número pequeno dentre a imensa gama de personagens de Dostoiévski com a finalidade de representar todas as personagens do autor ou até mesmo de apresentar concretamente o modo como ele as construía. Algumas ganharam mais notoriedade, principalmente por serem de seus romances mais famosos e, é claro, por promoverem grandes e aprofundados debates filosóficos, morais e

psicológicos¹. No entanto, talvez seja mais interessante apresentar aquelas que podem dar uma pequena amostra do percurso que o autor percorreu em sua carreira literária. Afinal, desde a publicação de sua primeira obra, *Gente Pobre*, Dostoiévski já criou personagens capazes de comoverem e provocarem reflexão a partir de uma aparente simplicidade: é o caso do funcionário público Makar Dievúchkin, que emocionou o famoso crítico Belínski na época em que o romance foi publicado (FRANK, 2008a). Posteriormente, em *Niétotchka Niezvânova*, surgiu a complexa personagem que leva o mesmo nome do título da obra e que chama a atenção pela intrincada construção de seu caráter, assim como pelas polêmicas cenas que protagoniza ainda criança. Finalmente, já na considerada fase de maturidade, Dostoiévski criou duas personagens que só fazem sentido quando mencionadas juntas, porque se complementam e invertem seus papéis de forma surpreendente: Pávriel Pávlovtich Trussótski e Veltchanínov, que protagonizam a tensa e por vezes cômica história de *Eterno Marido*. Assim, essas quatro fascinantes personagens são capazes de mostrar a versatilidade e originalidade de Dostoiévski.

Makar Dievúchkin pode ser encaixado, segundo a classificação de Grossman, no tipo de personagem “puro de coração”, humilde. Trata-se de um escrevente, um funcionário público menor, que, apesar da sua difícil situação financeira, é um homem que conserva sua bondade e tende a ver essa característica em todos que o cercam. Personagem desvalida, Makar preenche sua existência através da troca de cartas com a jovem Várvara Dodrossiélova, personagem representativa das “jovens ultrajadas”, pois é uma órfã que foi vendida a um rico devasso e agora se encontra praticamente abandonada à própria sorte em uma vida de miséria. É interessante destacar que a escolha dessas duas personagens para protagonizar esse tipo de romance, que é epistolar, foi uma inovação de Dostoiévski na época da publicação do livro, já que ele costumava ser protagonizado por personagens de um estrato social mais alto. Antes, autores russos como Gógol e Púchkin já haviam criado heróis mais simples em seus romances, porém Dostoiévski foi capaz de dar um tom mais humano às personagens dessa história, o que veio atender a demanda por um romance social de corte mais realista (FRANK, 2008a).

Makar, por exemplo, não se resume apenas a uma personagem delicada, solitária e frágil. Apesar de ser tratado de forma sentimental pelo autor, sendo caracterizado como um homem tão puro que chega a enviar balinhas e outros presentes à Várvara, além de ajudar com dinheiro um vizinho apesar de não ter nenhuma condição social de fazê-lo; através dos relatos de suas cartas é possível perceber mudanças em relação à aceitação da miséria e das constantes humilhações que vivencia, as quais ele enxergava como

¹ Exemplos são Ivan Karamázov; de Irmãos Karamázov, o homem do subsolo; do romance homônimo, e Rodion Românovitch Raskólnikov, de Crime e Castigo.

consequência de uma posição que ele humildemente aceitava como decisão de Deus². Após entrar em uma fase mais dura da pobreza e vendo Várvara correndo risco de cair novamente nas mãos do seu malfeitor sem poder fazer nada, começam a aflorar em Makar sentimentos de revolta e indignação, que o fazem inclusive questionar seu sentimento de inferioridade e submissão. Não se trata, portanto, de uma personagem plana, mas sim “esférica”, complexa, que sofre alterações ao longo da história. Frank (2008a) resume bem tal complexidade:

Dievúchkin, à primeira vista tão simples e sem complicações, é um personagem em luta constante contra si mesmo. Em primeiro lugar, há uma luta entre sua paixão por Várvara e a consciência da impossibilidade, e mesmo inadequação, desse amor. Em segundo lugar, ele luta para preservar seu amor- próprio, seu senso de dignidade humana, diante das humilhações que sofre tanto por sua posição quanto pela nova condição de penúria. Acima de tudo, existe uma luta ‘ideológica’ – o combate contra os pensamentos de rebeldia que, inesperadamente, lhe assaltam o espírito sob a pressão do seu envolvimento emocional com Várvara, e que destoam das normas de obediência que até então aceitava sem restrições (p. 188, grifo do autor).

Makar Dievúchkin, portanto, revela ao longo da história uma admirável capacidade de refletir sobre si mesmo, sobre sua própria condição humana e social, assim como sobre as condições contrastantes daqueles que o cercam. Em determinado momento, ao ler *O capote*, de Gógol, e *O chefe da Estação*, de Púchkin, Makar enxerga as personagens principais dessas obras como uma visão de si e passa a refletir sobre essas duas representações de homens humildes. O personagem da história de Gógol, um pequeno funcionário copista como ele, é rejeitado por Makar devido ao tom jocoso que lhe é dado. Para Dievúchkin, Gógol só tratou dos aspectos exteriores da personagem, esquecendo sua humanidade: “(...) é um livro mal intencionado, Várienska; isso é simplesmente inverossímil, porque não pode sequer ser possível que haja um funcionário assim” (DOSTOIÉVSKI, 2009a, p. 96), Makar protesta a sua amiga Várvara. Já com o chefe da estação, personagem de Puchkin, ele se identifica, por também se sentir humilhado e ofendido. Dessa forma, demonstra um tipo de reinvindicação de um tratamento digno àqueles que pertencem a sua classe, tanto na literatura quanto na sociedade, o que o torna uma importante e inovadora personagem dentre aquelas que tinham surgido até então na literatura que objetivava denunciar as mazelas e injustiças sociais na sociedade russa da época.

2 A fala a seguir, parte de uma das cartas de Makar à Várvara, é bem ilustrativa dessa percepção da personagem: “Permita-me, minha filha: qualquer condição que caiba ao homem é determinada pelo Todo-Poderoso. A um foi determinado usar dragonas de general, a outro, a servir como conselheiro titular, a este a mandar, àquele a obedecer, submisso e amedrontado. Isso já é calculado de acordo com a capacidade da pessoa; esta tem capacidade para uma coisa, enquanto aquela, para outra, e as capacidades são concedidas pelo próprio Deus”. (DOSTOIÉVSKI, 2009a, p. 92)

Já a personagem Niétotchka Niezvânova, do romance homônimo, apesar de no começo da história estar em uma situação de miséria e pobreza como a de Makar, possui uma abordagem marcadamente mais psicológica, conforme afirma Grossman (1967): “(...) pela primeira vez se traça a imagem de uma menina que vive um verdadeiro drama psicológico e que se consola de todos os horrores de uma vida miserável com um inebriante jôgo da imaginação” (p. 150). Assim, Niétotchka é uma das primeiras “crianças impressionáveis”³ criadas por Doistoiévski, uma menina forte, valente, que desde cedo experienciou os mais diversos tipos de sentimentos, como o ódio, o amor, a culpa e a dor do abandono. Logo na primeira parte da obra, as atitudes de Niétotchka evidenciam as injustiças que comete com a sua mãe, por acreditar que ela era a responsável por atrapalhar a carreira artística de seu pai (que mais adiante descobre ser seu padrasto), impedindo-o de ser rico e famoso. Nesse sentido, o amor incondicional que Niétotchka sentia por seu padrasto era proporcional ao ódio que começou a sentir por sua mãe.⁴ Contudo, com a morte da mãe e abandonada por aquele que acredita ser seu pai, um grande sentimento de culpa e remorso dominou a pobre menina. Deste modo, é possível perceber como Dostoiévski não poupou a sua primeira personagem infantil da dor, do sofrimento e da culpa.

Após ser abandonada pelo padrasto, Niétotchka é acolhida na casa do príncipe X, um homem extremamente calmo e bondoso – características opostas as de Iefimov. Assim, apesar do sentimento de culpa que ainda atormenta a jovem personagem, ela está em um novo universo e irá se deparar com novas sensações. Um exemplo é quando conhece a princesa Kátia, que, conforme aponta Frank (2008b), era uma jovem orgulhosa e mimada, capaz de fazer Niétotchka ficar deslumbrada com o seu mundo e sua beleza. É interessante observar como o escritor russo consegue trabalhar a antítese entre essas duas personagens, pois a pobre criança, de beleza comum e de origem humilde é o oposto da jovem princesa. Além disso, o modo como Kátia trata Niétotchka, com severidade e indiferença, mostra como a infeliz menina sempre se apaixona por pessoas cruéis e orgulhosas, como foi o caso de seu padrasto e agora da princesa.

Contudo, todo o desejo de Kátia em atormentar a pobre menina vai se transformando em um novo sentimento. A bondade, o carinho e o amor de Niétotchka fazem com que a pequena princesa abra o seu coração e se apaixone pela garotinha. Todo o erotismo e

3 Segundo a classificação das personagens de Dostoiévski proposta por Grossman (1967).

4 Na confissão a seguir, Niétotchka descreve todo o amor que sentir por seu pai: “A partir desse instante experimentei por meu pai um amor sem limites, um amor estranho que não parecia infantil. Eu diria que era antes certo sentimento de compaixão, maternal, se semelhante definição de meu amor não fosse um tanto ridícula, tratando-se de uma criança.” (DOSTOIÉVSKI, 2009b, p. 37).

a sensualidade que envolvem as cenas com essas duas personagens mostra novamente como o autor não poupou as atitudes e os sentimentos da sua primeira criação infantil. Com a separação entre as meninas, pois a família de Kátia deixa São Petersburgo, Niétotchka passa a morar com a filha mais velha do príncipe X, Aleksandra Mikhailóvna, uma moça meiga e dócil, porém triste. Ela é casada com um homem arrogante que, apesar de afirmar ter perdoado Aleksandra de trocar cartas com outro homem, vive acusando e humilhando a pobre mulher. É interessante observar que nessa relação, Niétotchka toma o partido de Aleksandra: diferente de antes, quando ficava no lado do padrasto, a menina está finalmente do lado de quem está sofrendo. A obra termina repentinamente, quando Niétotchka está com 18 anos, mas mesmo com o final abrupto e inesperado, Dostoiévski consegue explorar de maneira complexa a essência, a interioridade, os sentimentos e ações dessa personagem que, apesar de tão jovem, já percorreu um caminho amargo e vivenciou de forma prematura o amor e a sensualidade.

Da mesma forma, é com complexidade e densidade que o autor constrói as personagens de seu romance *O Eterno Marido*. Trata-se, basicamente, da relação conflituosa e tensa entre Vieltchâninov, um bom vivant de meia idade que viveu algumas aventuras amorosas ilícitas; e de Páviel Pávlovitch Trussótzki, um ex-amigo de Vieltchâninov que este traiu ao ter um caso com sua esposa há nove anos. Após a morte dela, Trussótzki descobre que sua filha Lisa, uma criança de oito anos, é filha de Vieltchâninov, e o procura sem revelar que descobriu a verdade sobre a traição. O primeiro encontro das personagens já é dotado de um tom sombrio e cheio de suspense, aliado ao sarcasmo e hipocrisia que permeia essa relação. Vieltchâninov se recusa a simpatizar-se com Trussótzki, já que, como aponta Frank (2003), assim se sentiria mais culpado em tê-lo traído. Mas é com constrangimento que, ao decorrer da narrativa, descobre que o “eterno marido”⁵, como ele mesmo chama Trussótzki, considerava-o um verdadeiro amigo, e talvez ainda o admire.

Para entender um pouco mais sobre como o conflito entre as personagens é capaz de revelar aspectos obscuros da personalidade delas, é importante saber como elas são caracterizadas a princípio. Vieltchâninov, como já dito, é um sedutor que já prejudicou algumas pessoas devido a sua má conduta, enquanto Trussótzki parece ser apenas o marido ingênuo e traído. No entanto, conforme a história avança, eles mostram-se muito mais complexos: Vieltchâninov demonstra que é capaz de sentir afeto ao tentar proteger Lisa, que imediatamente identifica como filha, das atitudes perversas que Páviel Pávlovitch vem tendo em relação a ela. Este, por sua vez, passa a comportar-se de forma

5 O “eterno marido” é um “tipo” criado por Vieltchâninov, no qual ele encaixa Páviel Pávlovitch – o marido que será traído de qualquer jeito, pois nunca deixará de ser marido. Assim, ele justifica sua traição e se exime de fazer uma análise profunda da situação.

cada vez mais estranha, entregando-se aos vícios e paixões supérfluas. Além disso, seu comportamento em relação à Lisa e suas falas sarcásticas, cheias de alusões à traição que sofreu ao mesmo tempo em que engrandecem o papel da amizade, mostram como ele está dividido interiormente entre os sentimentos de ódio, admiração, orgulho e amor, tanto em relação à Vieltchâninov quanto à Lisa (FRANK, 2003).

Com a morte dela, que fica doente devido ao abandono de Trussótzki, Vieltchâninov passa a sofrer bastante, enquanto o primeiro parece não se importar, caracterizando mais uma vez a inversão do papel inicial de culpado e vítima que eles ocupam no começo da narrativa. Contudo, assim como Frank (2003) observa, esta sempre parte do ponto de vista de Vieltchâninov, ou seja, o leitor geralmente sabe o que ele está pensando e fazendo, enquanto que as atitudes de Páviel Pávlovitch são mais obscuras, porque a proximidade em relação a ele é menor. Portanto, é mais difícil compreender o comportamento de Trussótzki, mas ele se esclarece na medida em que Vieltchâninov passa a reavaliar suas atitudes em relação ao ex-amigo, vendo o também como humano e percebendo que na verdade ele é generoso e amável, pois apesar de ter descarregado seu ódio sobre Lisa e ter fingido indiferença em relação a sua morte, na verdade ainda a amava muito.

Assim, através das suas ações as personagens desestabilizam a ideia inicial de “mocinho” e “vilão”, pois parecem refletir sobre suas convicções morais o tempo todo. Por serem complexas, em vários momentos surpreendem o leitor. Vieltchâninov, que no começo da história está moralmente abalado pela sua conduta no passado em relação às maldades que cometeu com outras pessoas e que depois se dedica ao cuidado de Lisa com carinho, não consegue se redimir totalmente porque sente um grande desprezo por Trussótzki. Além disso, vemos ao final da história que sua transformação foi passageira, já que ele volta a fazer as mesmas coisas que fazia antes. Páviel Pávlovitch, por sua vez, transita entre sua bondade e seu orgulho ferido, fato que é mais fortemente representado pela cena em que, após cuidar com amabilidade e dedicação de Vieltchâninov, que está com uma grave cólica no fígado, acorda no meio da noite para tentar assassiná-lo. Ao final da narrativa, porém, também volta seu papel de “eterno marido”, o que talvez seja explicado pelo fato de que ambas as personagens carregam traços uma da outra, mas que estes se revelam apenas em momentos em que elas estão enfrentando uma espécie de crise (FRANK, 2003).

É possível dizer, então, que assim como Makar Dievúchkin e Niétotchka Niezvânova, essas duas personagens são um exemplo de como Dostoiévski foi capaz de criar personagens consistentes, humanas, complexas e surpreendentes ao longo de sua carreira. Apesar de, a princípio, gerarem estranheza - justamente por terem um comportamento inconstante que se assemelha ao humano - elas são capazes de convencer a ponto de causar identificação e fascínio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAKHTIN, M. (1997). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Forense Universitária, RJ.
- CANDIDO, A. (2009). A personagem do romance. In: _____ (Org.) *A personagem de ficção*. Perspectiva, SP.
- DOSTOIÉVSKI, F. (2009a). *Gente Pobre*. Tradução Fátima Bianchi. Editora 34, SP.
- _____. (2009b) *Niétotchka Niezvánova*. Tradução de Boris Schnaiderman. Editora 34, SP.
- _____. (2010). *O Eterno Marido*. Tradução de Boris Schnaiderman. Editora 34, SP.
- FRANK, J. (2008a). Pobre Gente. In: *Dostoiévski: As Sementes da Revolta, 1821-1849*. Tradução de Vera Pereira. Edusp, SP.
- _____. (2008b). Netotchka Nezvánova. In: *Dostoiévski: As Sementes da Revolta. 1821-1849*. Tradução de Vera Pereira. Edusp, SP.
- _____. (2003). O Eterno Marido. In: *Dostoiévski: Os Anos Milagrosos, 1865-1871*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Edusp, SP.
- GROSSMAN, L. (1967). *Dostoiévski artista*. Tradução de Boris Schnaiderman. Civilização Brasileira, RJ.